

ROTHA Cultural

Edição nº 30 - Junho de 2026

30 Edições

dedicadas a preservar histórias, memórias e identidades

 /ROTHACULTURAL

Trinta edições em defesa da memória e da cultura

Por Erivelton Braz

O Jornal Rotha Cultural chega a 30 edições, o que representa a consolidação de um compromisso permanente com a cultura, a memória, as identidades e o patrimônio histórico de João Monlevade e de toda a região do Médio Piracicaba. Em tempos de informações rápidas, algumas descartáveis e frequentemente superficiais, manter um veículo especializado, gratuito e dedicado exclusivamente a esses temas é, por si só, um ato de resistência cultural.

Desde sua criação, em 2022, o



Rotha Cultural nasceu da convicção de que uma comunidade só compreende plenamente o seu presente quando conhece sua própria trajetória. Acredito que é preciso entender o que fomos para saber o que somos e quem seremos.

Ao longo desse tempo, cada edição distribuída gratuitamente em escolas, bibliotecas, instituições culturais, espaços públicos e locais de grande circulação leva consigo o conhecimento que se torna democratizado. Além disso, provoca reflexões, fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para que histórias, tradições e referências coletivas da região não sejam esquecidas.

O antropólogo e crítico cultural

Néstor García Canclini defende que a cultura é um dos principais elementos de construção da cidadania. Para ele, o acesso aos bens culturais e ao conhecimento sobre a própria identidade é condição fundamental para a participação social. Nesse sentido, democratizar o acesso à informação cultural não é apenas divulgar eventos ou registrar patrimônios; é ampliar oportunidades para que as pessoas compreendam quem são, de onde vieram e quais legados desejam preservar para as futuras gerações.

Da mesma forma, Umberto Eco alertava que os meios de comunicação exercem papel decisivo na formação da consciência coletiva. Quando a mídia escolhe valorizar determinados temas, ela contribui para definir aquilo que uma sociedade considera relevante.

Por isso, a existência de uma imprensa especializada em cultura possui uma função estratégica de iluminar assuntos que, muitas vezes, permanecem à margem dos grandes noticiários, mas que são essenciais para a construção da memória social.

Ao chegar às escolas, o Rotha Cultural assume uma missão ainda mais importante. Professores e estudantes encontram em suas páginas conteúdos que dialogam diretamente com a realidade lo-



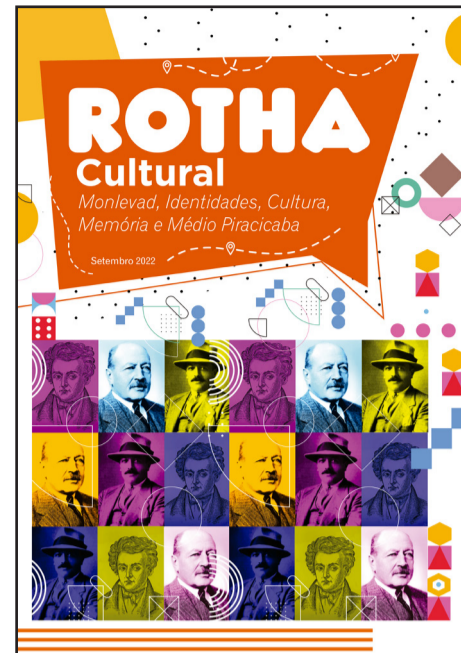
cal, aproximando os jovens da história de suas cidades, de seus patrimônios materiais e imateriais, de seus artistas, mestres da cultura popular e personagens que ajudaram a construir a identidade regional. E isso fortalece a tese de que conhecer a própria história é um dos caminhos para desenvolver consciência crítica e responsabilidade cidadã.

Destaca-se que o Rotha também está na internet, em um site próprio e no instagram, democratizando ainda mais essas informações e o conhecimento. Ao longo dessas 30 edições, registramos bens culturais, divulgamos projetos, valorizamos



artistas, acompanhamos políticas públicas, contamos histórias e documentamos memórias que poderiam se perder com o tempo. Cada exemplar em cada uma das trinta edições representa uma pequena ação de preservação. Entretanto, acredito que somadas, essas ações formam um importante acervo sobre a vida cultural do Médio Piracicaba.

Celebro esta marca, reconhecendo o trabalho de instituições parceiras, sobretudo, da Prefeitura e Câmara de João Monlevade, que desde o início acreditam neste projeto; dos colabores e agentes culturais que sabem a importância da memória como patrimônio vivo. O



Primeira edição

Rotha Cultural, além de um jornal mensal, tornou-se um instrumento de educação, preservação e transformação social. Viva! Proteger nossa memória é também construir o futuro.



Siga o instagram @rothacultural e acesse o site rothacultural.com.br



(*) Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHA CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA
Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br
CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Dorian Marques
Anacriste Guedes

Festival Baobá

(*)Por Erivelton Braz

Há árvores que atravessam séculos e se tornam símbolos porque carregam histórias, memórias e representam a força de um povo. O baobá, reverenciado em diversas culturas africanas como a "árvore da vida", é uma delas. Suas raízes profundas e sua resistência inspiram mais uma edição do Festival Baobá, que nos dias 4 e 5 de julho transforma a Praça do Povo, em João Monlevade, em um grande território de encontro entre memória, ancestralidade, arte, identidade e futuro.

Promovido pela Prefeitura de Monlevade, através da Fundação Casa de Cultura, o evento se consolida como uma das mais importantes celebrações das culturas negras do Médio Piracicaba. Em sua sexta edição, o Baobá afirma-se como um espaço de valorização das culturas

afro-brasileiras, africanas e afro-diaspóricas, promovendo reflexões sobre igualdade racial, pertencimento, diversidade e reconhecimento das contribuições históricas da população negra para a formação da sociedade brasileira.

Com o tema "Pretas Tradições", a edição de 2026 propõe um diálogo entre ancestralidade e contemporaneidade. É um convite para reconhecer que a cultura negra não pertence apenas ao passado, mas segue viva na música, na gastronomia, na literatura, na estética, nos saberes tradicionais, nas manifestações populares e nas expressões urbanas que movimentam as novas gerações.

A programação artística reflete essa diversidade. O festival reúne nomes históricos da música negra brasileira e representantes da nova cena nacional. Entre os destaques estão o rapper Rincon Sapiência, referência por sua fusão entre rap, afrobeat, funk e ritmos da diáspora africana; a dupla Tasha & Tracie, expoente da nova geração do rap e do trap brasileiro; o lendário Fundo de Quintal, um dos grupos mais influentes da história do samba; e Sandra Sá, uma das maiores intérpretes da música brasileira e símbolo da força do soul e da black music nacional.

O Baobá também abre espaço

para artistas mineiros e regionais que representam diferentes vertentes da cultura negra contemporânea. A cantora Fran Januário, ao lado da tradicional sambista Dona Eliza e da clarinetista Thamiris Cunha, celebra o protagonismo feminino no samba. O grupo O Culto da Rua apresenta a força da nova cena black mineira, enquanto Nêga Kelly presta homenagem a Lauryn Hill e Bob Marley, dois artistas que transformaram a música em instrumento de identidade, resistência e transformação social.

Mas o festival vai muito além da música. A ancestralidade estará presente nas guardas de Congado, nas intervenções culturais, no teatro de rua do ContAfro, da Associação Monlevadense Afrodescendente (Amad), e nas atividades formativas que dialogam com a memória, os saberes tradicionais e as tecnologias ancestrais.

A gastronomia também ocupa lugar de destaque. A feira de afrogastronomia propõe uma viagem pelos sabores afro-brasileiros, africanos e afro-diaspóricos, reafirmando a culinária como patrimônio cultural e expressão de identidade. O público encontrará ainda feira de empreendedorismo negro, espaço de letramento racial, oficinas, artesanato, literatura, Espaço Erê para as crianças e o Espaço Beleza Preta, com atendimento gratuito de trançistas e maquiadoras.

Para a presidente da Fundação Casa de Cultura, Nadja Lírio, o Festival Baobá representa mais do que uma programação cultural: é uma oportunidade de ampliar narrativas e disputar imaginários. "Por muito tempo, a experiência negra foi reduzida a narrativas estreitas, como se fosse possível resumir em uma única história a diversidade de povos, estéticas, pensamentos e formas de existir que compõem a diáspora africana. Mas a cultura negra sempre foi maior do que os limites que tentaram impor a ela. Ela está na ancestralidade e na invenção de futuros. Nas tradições que preservamos e nas vanguardas que criamos", afirma.

Segundo Nadja, a edição deste ano presta uma homenagem especial às mulheres do movimento negro e às grandes matriarcas das artes, da cultura e da política. "Que elas sejam maioria em nossa programação não é um gesto simbólico. É o reconhecimento de uma centralidade histórica que nem sempre recebeu o devido

destaque. Tenho muita alegria de construir um festival que celebra não apenas a potência negra, mas também sua profundidade, complexidade e infinita capacidade de reinvenção", destaca.

Em um país profundamente marcado pelas heranças africanas, iniciativas como o Festival Baobá cumprem um papel fundamental. Elas tornam visíveis histórias, saberes e expressões culturais que ajudaram a construir João Monlevade, Minas Gerais e o Brasil. Durante dois dias, a Praça do Povo se transforma em um espaço de celebração, reconhecimento e fortalecimento dessas heranças, reafirmando que ancestralidade não é apenas memória: é também presença, criação e futuro.

PROGRAMAÇÃO

SÁBADO - 4 DE JULHO

16h – Guardas de Congado (intervenção no chão da praça)
16h30 – ContAfro (Amad)
17h às 18h – Fran Januário convida Dona Eliza e Thamiris Cunha
18h às 18h30 – DJ Black Josie
18h30 às 19h30 – O Culto da Rua
19h30 às 20h – DJ Black Josie
20h – Ato Solene
20h20 – Intervenção Mano Oxxi e Negratcha
20h30 às 21h30 – Rincon Sapiência
21h30 às 22h – DJ Black Josie
22h às 23h30 – Tasha & Tracie

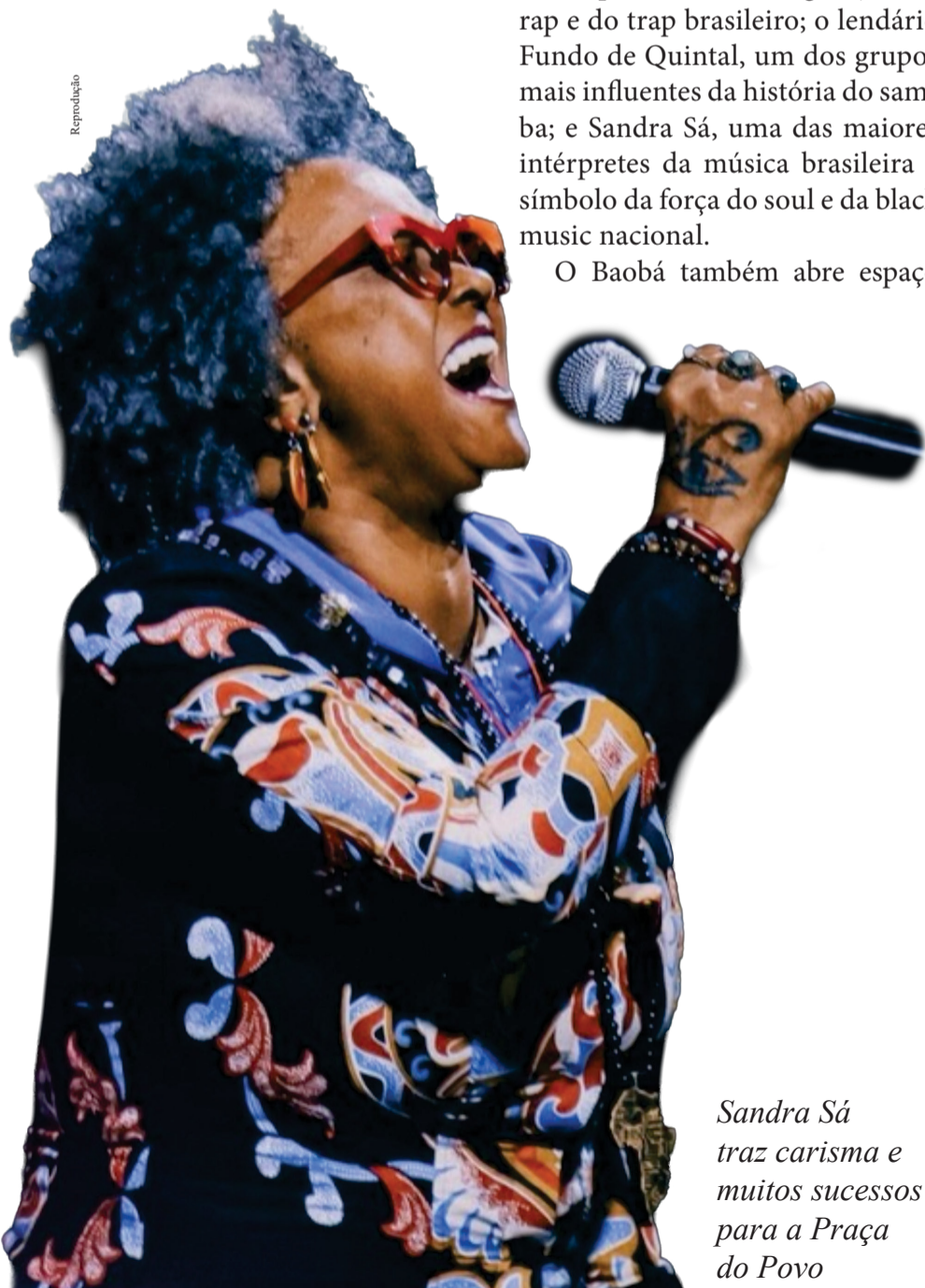
DOMINGO - 5 DE JULHO

14h – Resenha do Edgar
15h – Fundo de Quintal
15h30 – Oficina de Capoeira para Crianças
16h30 – Mihai
17h30 – Samba D'Ouro
18h – Nêga Kelly – Tributo a Lauryn Hill e Bob Marley
19h30 – Sandra Sá
21h – Família Alcântara

OS DOIS DIAS

* Oficinas do Instituto Fala Quilombo: Fala Quilombinho, Vozes da Memória e Tecnologias Ancestrais
 * Espaço Beleza Preta com as trançistas Valdete e Juliana e a maquiadora Estéfane
 * Feira de Afrogastronomia
 * Feira de Empreendedorismo Negro
 * Espaço de Letramento Racial
 * Espaço Erê
 * Grafite ao vivo com o artista Fênix

*Sandra Sá
traz carisma e
muitos sucessos
para a Praça
do Povo*



Fotos: Divulgação



A Trama do Tempo: O Saber Ancestral de Joaquim do Balaio

Por Dorian Marques

Em um mundo acelerado, onde o descartável substitui cada vez mais aquilo que foi feito para durar, a existência de mestres como Joaquim Geraldo dos Santos, o Joaquim do Balaio, representa um ato de resistência cultural. Morador de São Gonçalo do Rio Abaixo, ele dedica mais de três décadas à arte de transformar a taquara em balaio, cestos, forros e objetos que carregam muito mais que utilidade, mas também memória, identidade e pertencimento.

Seu saber não nasceu dos livros nem de cursos formais. Foi construído na observação silenciosa do pai e do irmão, que dominavam a técnica, mas pouco ensinavam. Coube ao jovem Joaquim aprender sozinho, acompanhando o movimento das mãos e os segredos do trançado. Essa pedagogia do olhar fez surgir uma técnica própria, refinada pela experiência e pela persistência.

Ao observar seu trabalho, percebe-se que cada peça é resultado de um conhecimento ancestral sobre o tempo da natureza. Joaquim conhece o momento certo da colheita, o processo de secagem e a resis-

tência de cada fibra. Seus balaio e cestos não são apenas objetos artesanais; são expressões de uma tecnologia popular desenvolvida ao longo de gerações. Os padrões geométricos, os losangos, as formas em “M” e o tradicional fundo suspenso revelam soluções práticas construídas para responder às necessidades da vida cotidiana, muito antes da industrialização.

A força desse saber está também na relação entre corpo, território e memória. A matéria-prima utilizada por Joaquim é retirada na comunidade dos Borges, território quilombola em processo de certificação. Esse detalhe amplia o significado de seu ofício. A taquara não é apenas um recurso natural: ela conecta o artesão a uma paisagem cultural marcada por histórias de resistência, permanência e transmissão de conhecimentos entre gerações.

Em tempos de produção em massa, o trabalho de Joaquim desafia a lógica da mercadoria descartável. Cada peça exige paciência, técnica e respeito ao ritmo da matéria. Enquanto divide sua vida entre a construção civil e a arte do trançado, ele mantém vivo um conhecimento que sobrevive graças à dedicação de mestres populares muitas vezes invisibilizados.

É justamente aí que surge uma

reflexão necessária. O reconhecimento institucional desses saberes costuma chegar tarde, quando muitos mestres já enfrentam dificuldades para continuar produzindo ou transmitir seus conhecimentos. Preservar esse patrimônio não é apenas valorizar um artesão; é reconhecer que a história de uma comunidade também está guardada nas práticas, nos gestos e nos ofícios que atravessam o tempo.

Documentar e difundir o trabalho de Joaquim do Balaio é um compromisso com a memória coletiva. Seus balaio são mais que objetos: são monumentos vivos de uma tradição que resiste. Enquanto suas mãos continuarem a trançar a taquara, a cultura popular de São Gonçalo do Rio Abaixo seguirá pulsando, entrelaçando passado e futuro em cada nó firme, preciso e carregado de história.



(*) Dorian Marques é antropólogo, guia de turismo e morador de São Gonçalo do Rio Abaixo



De uma visita à Serra da Piedade nasceu o romance que agora vai chegar à Itália

Escritora Luzia Martins tem obra indicada ao Prêmio Jabuti, conquista tradução internacional e participa de lançamento coletivo da Academia Mineira de Letras

Uma visita à Serra da Piedade, em Caeté, mudou rumo da escritora novaerense Luzia Inês Martins e deu origem ao romance "O Segredo das Mulheres do Engenho". Durante um passeio literário coordenado por Jacqueline Silvério, da República Literária, o grupo visitou antigas construções no Recanto Monsenhor Domingos, na subida da serra, onde uma irmã de caridade compartilhou histórias sobre a cidade e sobre um antigo sacerdote da região. "Fiquei impactada com um fato revelado por ela", recorda Luzia.

A partir daquele encontro, a autora dedicou cerca de um ano a pesquisas históricas até trans-

formar a inspiração em uma obra de ficção histórica publicada pela Literíssima Editora, em dezembro de 2025.

Desde então, o romance vem acumulando reconhecimento. O livro conquistou o segundo lugar na categoria Romance, pelo voto popular, no Prêmio Ecos da Literatura, realizado em São Paulo, e foi inscrito e selecionado para concorrer ao Prêmio Jabuti, a principal premiação literária do país.

Outra conquista importante é a tradução da obra para o italiano, atualmente em andamento a convite de escritoras brasileiras residentes na Itália. O livro também integra o V Lançamento Coletivo da Academia Mineira de Letras, marcado para o dia 4 de julho, em Belo Horizonte.

ENREDO

A obra retrata a saga de quatro mulheres, Benedita, Izabel, Ana e Maria que em meio à violência e a dor, resistem contra a crueldade da escravidão e do poder patriarcal. Com a temática da escravidão, abuso de mulheres negras e abandono de crianças indesejadas, a autora convida a refletir sobre temas tão sensíveis da nossa história.

No centro da narrativa estão mulheres que enfrentam injustiças e encontram na união, na coragem e na fé forças para resistir aos desafios do Brasil colonial. Embora seja ficcional, a obra é baseada em extensa pesquisa e em fatos históricos. "Um romance histórico é uma ferramenta importante para a conscientização da sociedade sobre períodos difíceis da nossa história e uma forma de valorizar nossos antepassados, que escreveram suas trajetórias com luta e coragem", afirma a autora.

Para Luzia, ver uma história inspirada em relatos ouvidos aos pés da Serra da Piedade atravessar fronteiras é motivo de emoção. "Ver meu nome entre os selecionados da Academia Mineira de Letras e acompanhar a tradução da obra para outro idioma é algo mágico", resume.

TRAJETÓRIA

Escrevendo desde a infância, Luzia Martins é pedagoga, romancista, poeta e cronista. É membro da AMBA (Academia Mineira de Belas Artes) e da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil).

Ela atualmente tem nove livros publicados, além de poemas e contos premiados nacionalmente.

Sua trajetória inclui participações na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, na Bienal Mineira do Livro, entre outros eventos que promovem a Literatura.

"A persistência, a garra e o compromisso com o aprendizado constante são essenciais para quem escolhe a literatura no Brasil", reflete a escritora.



Posto UAI

Vários serviços em um só lugar para facilitar a sua vida.

Para Agendamentos Acesse:
www.cidadao.mg.gov.br

Serviços à disposição no Posto UAI:

Carteira de Identidade, Posto da Receita Federal, Habilitação, Trânsito, Liberação de Veículos, IPSEMG, Recadastramento de Servidor Inativo, Emissão de Carteirinha de CIPTEA, PROCON, Alistamento Militar, CAT/SINE, Recuperação de Senha GOV.

Rua Lucinda Soares da Fonseca, 36 - Bairro JK
(Antiga sede da Receita Federal)

Biblioteca Municipal de João Monlevade completa 58 anos como guardiã da história e da cultura local

Por Anacriste Guedes

No dia 17 de junho, a Biblioteca Pública Municipal Jornalista Assis Chateaubriand celebrou 58 anos de história. O aniversário convida a refletir sobre a trajetória de uma instituição que atravessou décadas mantendo firme a sua missão de ampliar o acesso da população de João Monlevade aos livros, à informação, à cultura e ao lazer.

Fundada na gestão do então prefeito Germin Loureiro, em 1968, recebeu o nome em homenagem a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, um influente empresário da comunicação nacional.

Entre os eventos que marcam a história da instituição, destaca-se a comemoração de seu aniversário, momento de celebrar sua trajetória com ações anuais que incentivam o hábito da leitura. Em 2026, os projetos “Leitor Mirim Oficial” e “Uma Dose de Leitura” foram responsáveis por levar a Biblioteca para além do prédio da Secretaria Municipal de Educação, aproximando os serviços e as atividades de pessoas que ainda não conheciam ou sequer tinham acesso à instituição.

Em resumo, o projeto “Leitor Mirim Oficial” tem como objetivo reconhecer e incentivar o hábito da leitura desde a infância, promovendo o sentimento de pertencimento e aproximando as crianças do universo literário. Na primeira edição, realizada no dia 17, foram contempladas as crianças do Centro Muni-



cipal de Educação Infantil (Cemei) Padre Henriques, que receberam uma carteirinha de membro oficial da biblioteca e tiveram a oportunidade de realizar o primeiro empréstimo, levando um livro para casa. A proposta é que os participantes sejam incentivados a frequentar o local e participar das atividades culturais e educativas promovidas pela instituição.

Já a ação “Uma Dose de Leitura” aconteceu um dia depois do aniversário, na manhã do dia 18, na Praça Sete de Setembro, e consistiu em uma dinâmica em que a comunidade estourava um balão para ganhar um livro surpresa. A importância dessas iniciativas está em democratizar o acesso à leitura e ao

espaço em si, reforçando a ideia de acolhimento, fortalecendo o vínculo com a comunidade e formando novos leitores.

HISTÓRIAS

Por muitos anos, a biblioteca operava em um formato tradicional, focado na consulta local e no empréstimo físico de obras. Essa realidade começou a mudar significativamente na gestão do prefeito Dr. Laércio Ribeiro, período em que o espaço se reinventou, especialmente em 2021, quando comecei a trabalhar como a primeira bibliotecária da instituição. Como resultado, os processos foram reestruturados: o acervo começou a ser catalogado,

o sistema de empréstimos se tornou mais ágil e otimizado e as redes sociais se tornaram grandes aliadas para atrair novos leitores.

Além disso, a dedicação dos servidores e dos leitores assíduos ao longo de mais de 50 anos de história também garantiu a relevância da instituição para a formação educacional, cultural e cidadã de gerações de monlevadenses. Esse papel transformador persistiu mesmo diante de grandes desafios, como os períodos de escassez de recursos e a falta de incentivo para a renovação do acervo em gestões anteriores.

Exemplo disso são profissionais como Maria Vilma Moreira, que iniciou sua trajetória na biblioteca como coordenadora e,

➤ **Faça parte do nosso time!**



Está em busca de uma oportunidade de emprego? Seu lugar é aqui!

Envie seu currículo para **31 99958.6712**

Vagas extensivas a 60+



Todas as vagas são extensivas a PCD

após duas décadas, continua contribuindo com o espaço, agora como atendente. “Eu nunca tive medo de enfrentar as adversidades e as mudanças. Muita gente achou que a internet ia acabar com a biblioteca mas, para mim, foi só mais um desafio. Lembro das fichas de papel, da máquina de datilografar para catalogar os livros, dos grupos de adolescentes que esperavam, na pracinha do coreto, uma vaga para que pudessem usar a sala de estudos. De repente, chegou o computador e as pesquisas online, mas o que não mudou foi o acolhimento. Computador não abraça, não indica livro com carinho. Essa essência ainda é com a gente”, declara Vilma.

DEDICAÇÃO

Aliado a isso está o esforço contínuo da Secretaria Municipal de Educação (SME). A partir de uma nova visão implementada pela secretária Alda Fernandes, que enxerga a instituição como um polo de transformação pelo conhecimento, a gestão intensificou os investimentos na valorização do espaço. Esse cuidado se traduz na compra regular de novos títulos, englobando desde a literatura infantojuvenil até obras contemporâneas e publicações de relevância cultural e educacional. “Acreditamos na valorização da biblioteca como um espaço vivo de conhecimento, que tem o poder real de transformar vidas através do acesso à cultura”, destaca a secretária.

Entre as atualizações do acer-

vo destaca-se o recebimento de livros infantis por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD Literário), que ampliou significativamente as opções de leitura destinadas a tal público. As obras estimulam a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento do hábito da leitura desde os primeiros anos de vida.

Ademais, a Biblioteca se consolidou como um polo de convivência e aprendizado contínuo, movimentado por visitas guiadas, exposições temáticas, rodas de conversa, contação de histórias e ações ativas de incentivo à leitura voltadas para todas as idades. Essa atuação se estende à valorização da produção literária da região, mantendo uma relação próxima com os autores locais. “Dessa forma, a Biblioteca fortalece a identidade cultural da cidade, preserva a memória literária regional e incentiva o surgimento de novos escritores”, completa Anacriste Guedes.

Somado a isso, o espaço desempenha um papel fundamental na preservação da identidade monlevadense por meio da “Coleção Memória de João Monlevade”, um acervo histórico e documental, composto por livros, jornais, revistas e cartilhas que registram a trajetória do município, suas transformações urbanas e seus personagens. Segundo a bibliotecária, “a Biblioteca atua como guardiã da memória coletiva de João Monlevade, então o compromisso é conservar esse patrimônio e disponi-

bilizá-lo à comunidade, para que as pessoas conheçam e valorizem a história da cidade”.

Dessa forma, celebrar os 58 anos da Biblioteca Pública Municipal Jornalista Assis Chateaubriand é valorizar um patrimônio vivo que promove a inclusão social e o fortalecimento da cidadania. Para a atendente Tamires Cristina, fazer parte dessa trajetória é motivo de muito orgulho e gratidão. “Ao longo

dessas décadas, a biblioteca tem desempenhado um papel importante na formação de leitores e no acesso à informação, cultura e lazer. Hoje sou funcionária do espaço, mas já fiz parte dos leitores e estudantes que frequentavam o local em busca de pesquisas para estudos e trabalhos escolares”, relembra.

O propósito, hoje, é reafirmar a biblioteca como um importante espaço de convivência e cultura, onde a comunidade pode se encontrar para ler, aprender e compartilhar experiências. Visite a biblioteca municipal.



(*) Anacriste Guedes é bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal de João Monlevade



Acom/PMJM

Um dos eventos que celebrou os 58 anos da biblioteca neste ano

Grupo Ira! sobe ao palco no dia 10 de julho celebrando 20 anos do Acústico MTV



Festival de Inverno de São Gonçalo

Reprodução

Diversidade sonora fortalece a cultura com grandes atrações e programação cultural para todas as idades

Julho é tradicionalmente o mês em que a cultura ocupa as ruas, os palcos e os espaços públicos das cidades mineiras com os tradicionais festivais de inverno. Em São Gonçalo do Rio Abaixo, o evento se destaca com a realização do 22º Festival de Inverno, que acontece entre os dias 3 e 12 de julho e promete transformar a cidade em um grande palco de encontros, experiências e celebração artística.

Com o tema "Festival de Todos os Sons", a edição 2026 reafirma uma das principais características do

evento: a diversidade. Ao longo de dez dias, o público poderá transitar por diferentes universos musicais, passando pelo pop rock, samba, pagode, rock nacional, música instrumental, teatro, espetáculos infantis e atrações voltadas para toda a família.

Consolidado como um dos mais importantes eventos culturais do Médio Piracicaba, o Festival de Inverno vai além do entretenimento. A iniciativa fortalece o acesso à cultura, valoriza artistas locais e regionais e movimenta setores como turismo, comércio e gastronomia, atraindo visitantes de diversas cidades da região.

A abertura, no dia 3 de julho, será marcada pelas apresentações da Big Band e da banda Musicalidade, evidenciando a valorização dos talentos locais. No sábado, dia 4, a programação segue com a Banda Decks e com os irreverentes Músicos Geriatricus, grupo que conquistou projeção nacional ao unir humor, performance e releituras musicais. No domingo, 5 de julho, a música pop rock assume o protagonismo com a apresentação da banda Biquini, uma das mais tradicionais do país, responsável por sucessos que atravessaram gerações e marcaram a história do rock brasileiro. Antes, o público poderá acompanhar o show do artista Bruno Felga.

Além dos grandes shows na Praça Central, o festival reserva espaço para atividades culturais no Centro Cultural. A programação inclui espetáculo infantil, apresentações teatrais e o musical "Nas Ondas do Rádio", que resgata o glamour e a atmosfera da era de ouro do rádio e do teatro de revista brasileiro.

O tradicional Dia Mundial do Rock, celebrado em 10 de julho, terá programação especial. A banda Neanderthal abre a noite, seguida pelo show nacional do Ira!, um dos grupos mais importantes do rock brasileiro desde os anos 1980. Encerrando a programação, a banda Lurex Queen presta homenagem ao legado do Queen em um espetáculo que promete reunir fãs de diferentes gerações.

No fim de semana seguinte, os ritmos mudam, mas a celebração

continua. O sábado, 11 de julho, será dedicado ao samba e ao pagode, com apresentações de artistas regionais e do cantor Diogo Nogueira, um dos maiores nomes da música popular brasileira contemporânea. Com seu repertório que mistura tradição e modernidade, o sambista promete um dos momentos mais aguardados do festival.

O encerramento acontece no domingo, 12 de julho, com os shows de Thiago Luiz e do grupo Kamisa 10, representante da nova geração do pagode nacional e fenômeno entre o público jovem.

Segundo a secretária de Cultura e Turismo, Cecília Fonseca, o tema desta edição traduz a essência do evento. "Queremos oferecer uma programação plural, que reúna diferentes estilos musicais e manifestações culturais, valorizando os artistas locais e proporcionando ao público o acesso a grandes atrações nacionais. O Festival de Inverno é um momento de encontro, celebração e fortalecimento da cultura em nosso município", destaca.

Por mais um ano, o evento que reúne grandes expectativas, reafirma seu papel como espaço de convivência, democratização cultural e valorização da produção artística em São Gonçalo.

Ao reunir diferentes gerações, estilos e públicos, o evento transforma o município em um espaço democrático, onde a música, a arte e a cultura se encontram para celebrar a diversidade que marca a identidade da região.

Faça sua doação e ajude o **HOSPITAL MARGARIDA** a melhorar cada vez mais os serviços prestados a você e sua família.

DOE QUALQUER VALOR DE FORMA RÁPIDA, PRÁTICA E SEGURA.



Abra o App do seu banco, encontre a área PIX e escaneie o QR Code ao lado.

Associação São Vicente de Paulo de João Monlevade/MG

CHAVE PIX: 211422030001-92

SUA DOAÇÃO FAZ TODA DIFERENÇA!